

O Debate

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ NO DISTRITO DE AVEIRO

Assinaturas	
Ano	10\$00
Semestre	5\$00
Colónias, ano	20\$00
Brazil e Estrangeiro, ano	25\$00
Anúncios, linha—\$40	
Permanentes, contracto especial	

Fundador—DR. JOSÉ BARATA

Director—Manuel das Neves

Administrador—P. Nascimento Correia

Redacção e Administração
Rua dos Mercadores, n.º 26—AVEIRO

Editor—Manuel das Neves
Anunciam-se as publicações de que nos seja enviado um exemplar
Composto e impresso na Tip. Progresso (a electricidade)—AVEIRO

16 de maio

É esta uma das datas mais gloriosas da historia de Aveiro e como tal escolhida após o advento da Republica para feriado municipal.

Os factos que em igual dia do ano de 1828 se deram nesta cidade, justificam plenamente a escolha e dão direito a Aveiro de poder juntar aos seus antigos titulos de *nobre e notavel* o de *berço da liberdade*.

Planeada a revolução que devia aniquilar os actos de successiva hostilidade praticadas pelo governo do infante D. Miguel como regente e de que em Aveiro assumiu a direcção o desembargador da Relação da Bahia, Joaquim José de Queiroz, iniciaram-se aqui activamente os trabalhos preparatorios para a levar a efeito e em resultado deles ficou assente que ela se devia efectuar em Aveiro no dia 16 de Maio, e no dia seguinte, 17, no Porto, afim de sedar tempo a marchar para ali o batalhão de caçadores 10, o que só podia fazer-se depois desta cidade se haver revolucionado.

Tem-se dito que a revolução estava combinada para no dia 16 rebentar simultaneamente no Porto e Aveiro. Não é assim. O dia aprazado para aquela cidade foi o dia 17 de Maio pelas razões que ficam expostas.

No 15 á noite chegou do Porto o tenente coronel de milicias Manuel Maria da Rocha Colmeiro, trazendo de Ovar onze barcos preparados para neles se transportar pela ria o batalhão de caçadores 10, e d'aquella cidade a certeza de que a revolução se realisaria no dia 17 como estava aprazado. Na madrugada do dia seguinte reuniram-se em casa do corregedor Francisco Antonio de Abreu e Lima, Colmeiro, Queiroz, Francisco Silverio de Carvalho Magalhães Serrão, fiscal do contracto de tabaco e José Julio de Carvalho, comandante de caçadores 10, e tomadas ali as ultimas resoluções, saíram todos, mandando logo este ultimo tocar a officias.

Às sete horas estava o batalhão formado, e nas ruas principiavam a ouvir-se vivas á Carta Constitucional, a D. Pedro IV e á rainha D. Maria II; os primeiros levantou-os na Praça do Comercio o desembargador Queiroz. Acto continuo eram presos por officias de caçadores 10, em suas casas, o governador militar tenente coronel Antonio da Silva Pinto, o juiz de fóra José de Sousa Ribeiro Pinto, o comandante da companhia de veteranos Luiz Estevão Couceiro da Costa e o escrivão da camara Antonio José das Neves e conduzidos aos paços do concelho onde ficaram sob custodia. Para o quartel do Carmo, afim de desarmar os veteranos foi uma força de caçadores comandada pelo capitão José de Vasconcelos Bandeira de Lemos, depois visconde de Leiria.

Ao mesmo tempo que sedavam estes factos, um grupo de constitucionaes mais entusiastas, capitaneado por Evaristo Luiz de Moraes, e de que faziam parte seus irmãos João Antonio de Moraes, Antonio Joaquim de Moraes Sarmento, Francisco Silverio de Mesquita, percorria as ruas da cidade, convocando os habitantes dela a comparecerem na camara municipal, a fim de assistirem á aclamação da rainha D. Maria II, a que se ia proceder.

Na casa da camara, reunidos que foram a maioria da officialidade de caçadores 10 e alguns dos vultos mais proeminentes do partido liberal, foi deposta a vereação e proclamada a soberania da rainha D. Maria II, repetindo-se por essa occasião os mesmos vivas que pouco antes se tinham ouvido na Praça do Comercio.

Em seguida o desembargador Queiroz ditou o acto de aclamação que foi lavrado por Evaristo Luiz de Moraes, escrivão de direito da comarca, depois 1.º sargento do Batalhão de Voluntarios da Rainha, morto por uma bala na acção da Vila da Praia, na ilha Terceira, quando, com o maior arrojo, acenava com uma bandeira azul e branca, de cima do parapeto da muralha aos soldados de D. Miguel que acabavam de desembarcar da esquadra do comando do vice almirante Sousa Prego, para abraçarem a causa da liberdade.

O auto a que me refiro existe de folhas 56, a 58 do «Livro das vereações e acordos da camara de Aveiro» que teve principio em 13 de Dezembro de 1826 e fim em 7 de Maio, mas riscado e trancado por ordem do governo de D. Miguel.

Antes foi dele tirada uma copia para ser junto ao processo de devassa a que o mesmo governo mandou proceder, e de que existe no cartorio do 1.º officio desta comarca.

Assinado o auto, o desembargador Queiroz, o comandante de caçadores 10 e os mais considerados membros do partido liberal, reunidos debaixo do antigo Arco do Bispo que ficava junto do edificio da Alfandega, resolveram que o batalhão embarcasse immediatamente para Ovar, que com ele fossem os presos politicos, á excepção do escrivão da camara, que foi posto em liberdade e que se levantassem todos os dinheiros publicos que estivessem em poder dos diferentes depositarios, passando para esse fim o corregedor os necessarios mandados, medida que se executou, sendo enviados para o Porto uns sete contos e tantos mil reis, que foram entre-

Gazetinha

*Levo dias a pensar
Na recente malaqueira
De vêr a cidade inteira
A dar ponta-pés nas bolas.
Quão dizer que tal jogo
É p'ra dar vigor á raça.
Eu acho-lhe a minha graça;
—É p'ra dar cabo das solas.*

*Então hoje os encontrões,
As quedas e suadelas,
Os ponta-pés nas canelas
Tornam a raça valente?
O namoro sem excesso,
Um bife feito na grêlha,
Uma pinguita da velha,
Isso é que dá força á gente.*

Cuca.

DESORDEM

Na quinta-feira á tarde, Francisco Nunes Salgueiro e João Calção, no caminho de Esgueira, provocaram grande desordem, bateu-se numa mulher que ficou bastante ferida. Bateram em quem passava, não respeitaram o regedor da freguezia da Gloria que por acaso ali passava, inutilisaram uma bicicleta e fizeram outros disturbios só mal se acomodando quando a guarda republicana apareceu e procedeu ás prisões. Os provocadores tambem ficaram feridos, indo pernoitar á esquadra de policia.

CASAMENTO

Consociou-se no passado dia 17, com a ex.^{ma} sr.^a D. Ana da Conceição Rocha Leitão, o nosso amigo e importante comerciante em Canas de Senhorim, sr. Firmino Alves Videira.

Aos noivos desejamos todas as venturas de que são dignos pelos seus dotes de inteligencia e de coração.

gues á junta que naquela cidade se organizou e de que o desembargador Queiroz foi um dos vogaes, sendo, de todos os seus colegas, o unico que acompanhou a travéz de mil perigos até á Galiza o exercito constitucional venecido.

Dos que concorreram para a revolução em Aveiro de 16 de Maio foram enforcados e as cabeças espetadas em altos postes Clemente de Moraes Sarmento, Clemente da Silva Melo Soares de Freitas, Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima, Francisco Silverio de Carvalho Serrão Manuel Luiz Nogueira e José Henriques Ferreira Junior.

Presos e condenados foram muitos como muitos foram os que combateram então e depois pela liberdade.

Marques Gomes.

NOTAS... LIGEIRAS

O dia do concelho

Não vamos fazer a historia do dia memoravel de 16 de maio. Dessa incumbencia desempenhou-se magistralmente o ilustre publicista e investigador sr. Marques Gomes.

É sabido que um grupo de liberaes aveirenses sacrificou heroicamente a sua vida em 1828 pela causa Liberal.

D. Pedro, imperador do Brazil, addicara em sua filha D. Maria e pouco depois nomeava regente seu irmão D. Miguel, então residente na Austria. Este, pouco depois de ter chegado a Portugal, dissolveu as côrtes constitucionais e convocou os Três Estados do Reino pelo sistema absolutista. A carta constitucional de 1826, outorgada á Nação por D. Pedro, era abolida. Era a segunda reacção absolutista coroada de pleno existo. Era a segunda vés que a liberdade, a tanto custo obtida, era esmagada pela traição. Asfixiava-se sob a pressão tremenda do miguelismo. Os aveirenses foram as primeiras victimas imoladas em holocausto á causa da Liberdade de que o imperador D. Pedro se tornara o arauto. Foram os primeiros a sacrificar a sua vida para derruir a sanguinaria tirania que se reimplantava.

O absolutismo, com todo o horroroso cortejo de crimes, durou até 1834.

Não foi evidentemente inutil o sangue derramado pelas victimas aveirenses.

A Aveiro cabe a gloria de primeiro ter soltado o grito de liberdade.

O caracter do miguelismo manifesta-se na maneira como foi reprimida esta primeira tentativa de restabelecimento da Carta Constitucional: os conspiradores foram enforcados e em seguida foram-lhes decepadas as cabeças e, de dois de espetadas em paus, foram colocadas em frente das moradas das respectivas familias.

Que maior banditismo pode haver? O tempo e as condições da epoca podem justificar tais requintes de crueldade, tamanho canibalismo?

Em homenagem á memoria desses pioneiros da liberdade o dia 16 de maio foi escolhido para feriado do concelho.

Natural era que, em comemoração de tam gloriosa data, a camara municipal se manifestasse de qualquer forma. Aqui, onde se fazem festas a proposito e a despropósito de tudo, a inclita edilidade esqueceu-se de solenizar uma data altamente civica e que deve constituir orgulho para todos os que, pelos sentimentos de liberdade nutrem alguma simpatia.

Talvez que o lapso cometido seja motivado pelo desejo de não melindrar os sentimentos politicos de ninguém dada a *absoluta neutralidade* da vereação aveirense em materia politica.

Lucros ilicitos

Parece que alguns comerciantes se abespinharam com a nossa local no ultimo numero aqui publicada sob este mesmo titulo.

Argumentam que não são eles os responsaveis pela situação actual, que são honestos e que honestamente fazem o seu commercio.

Não queremos duvidar da sinceridade das palavras de quem dest'arte nos falou tanto mais que foram amigos nossos que assim se exprimem e de cuja honestidade não é licito duvidar.

Deixem, todavia, estes nossos amigos que aqui fazamos algumas despreziosas considerações que certamente os não molestarão porque os consideramos, como atraz deixamos dito, honestos e por isso a carapuça não lhes deve assentar.

Isso mesmo deviam logo ter visto. As nossas palavras iam rotuladas para aqueles que, numaancia voracissima de riquezas, tudo tem posto de parte para satisfazerem a sua incomensuravel ganancia.

Porventura ignoram que nos ultimos anos caiu sobre o nosso pobre paiz uma praga terrivel de especuladores que bastante tem contribuido para a misérrima situação em que nos debatemos? Certamente que não e a prova está em que os honrados são os primeiros a confessarem-se victimas dessa vergonhosa especulação.

Sabe toda a gente que frequentes casos houve de um produto custar um determinado preço pela manhã, outro ao meio-dia e outro á noite.

É isto commercio honrado? Pode ser mas nós chamamos-lhe antes ladroeria infamissima só punível com as galés para não dizermos outra coisa.

Quantas falencias se tem registado depois da guerra?

A profissão do commercio e da industria tem sido tão rendosa que muita gente abandonou as suas profissões anteriores para se dedicar a este lucrativo mister.

Não é certo que muitas e colossais fortunas se amontoaram em poucos anos? É possível que isso se consiga sem uma desenfreada especulação?

Não existe hoje a classe dos novos-ricos que pedantemente ofende, com a sua grandesa espaventosa, a miséria daqueles á custa de quem enriqueceram?

Respondei a estas perguntas, srs. comerciantes e dizei-nos se eram ou não justas as nossas considerações do ultimo numero.

Evidentemente que a lei dos lucros ilicitos não foi feita para reprimir a ganancia dos comerciantes honrados porque ela não existe para eles. A lei não os alveja nem os prejudica; antes os favorece.

A lei foi feita para reprimir o crime e este não existe onde ha honra.

Ái tem plena justificação; os factos demonstram-no exuberantemente.

Antes os ataques dos atingidos fossem justificados porque então a nossa Patria não teria atingido a desgraçada situação economica e financeira em que se encontra e a economia publica não seria tão precaria.

A' ESQUINA...

Apesar da revisão no ultimo numero me cortar uma ponte, aquela avariada ponte que dá todas as noites passagem aos *noitibós* que procuram as *borboletas* no seu casulo, eu volto á carga sobre a necessidade de se conseguir mais uma via de comunicação entre as duas freguezias da cidade.

Eu não sei se o meu artiguelho mereceu as honras de leitura ou discussão sobre a ideia da construção duma *passarele* sobre o rio, encurtando distancias, evitando voltas e por vezes transtornos e deserranjos de vida. Ha que pensar, e pensar a valer sobre este assunto; isto é, aqueles que dirigem e podem fazer alguma cousa em favor da cidade.

Sei quem, para a ajuda do custeio da obra concorre com 200 esc. Não é muito para o que se pretende. E', no entanto, uma prova de boa vontade á realização dessa via de comunicação.

Quanto á ponte que a revisão cortou, antes que a Camara a mandasse destruir para construir uma nova e mais solida, não tardará muito que a vejamos caída de vez, e oxalá não tenhamos então que lamentar desastres, tal o estado em que se encontra.

E' fraca a nossa voz. Não ecôa forte e eficazmente, mas voltaremos ao assunto, se necessario fôr.

Como estamos em reparos digamos tambem da limpeza da cidade. Não é um primor de limpeza. Ha ruas onde a vassoura não vai, e onde, por tal motivo, o lixo se amontoa e os animais mortos apodrecem. Quasi todas as manhãs as ruas se veem peçadas do estrume que de noite os carros dos lavradores conduzem para fóra da cidade, tirado das casas e das retretes.

Isso não aconteceria se os varredores comessem logo de madrugada o seu serviço, e se a luz electrica estivesse acesa até de manhã, pois que se assim fosse, a varredura das ruas podia fazer-se antes que começasse o movimento quotidiano.

Li algures que, não sei aonde, por iniciativas particulares, se vão construir casas de habitação, a preços modicos.

Pois cá — na cidade e arredores — com terrenos e optimos lugares para construções, não ha quem se abalance a tal cometimento. Isso seria meter uma lança em Africa!

Mas o amor ao dinheiro, esta cousa do *venha a nós*, e o trata de ti, João, não permite rasgos de generosidade nem de humanitarismo.

Belos tempos aqueles em que no Alboi e no Rocio se construíram aqueles bairros.

Ali na estrada do Americano fizeram-se ha pouco tempo duas airosas casas que estão mesmo a desafiar a construção de mais. E que bela rua ali ficaria se houvesse um *heroi* endinheirado!

Fernão Pires.

Block-Notes

Faz ámanhã anos o sr. padre João Pinto Rachão, prior da Gloria.

= No dia 20 faz anos a sr.^a D. Ascensão de Oliveira.

= No dia 21 o sr. Manuel de Sousa Lopes e no dia 22 o sr. dr. Eugenio Ribeiro.

= Embarca brevemente para o Brazil, a tratar dos negocios da casa Lucien Beyrecker, Limitada, o sr. Cipriano Simões Alegre.

= Com alguma demora encontra-se em Leiria, acompanhado de s. ex.^{ma} esposa, o nosso bom amigo sr. Francisco Pinto de Almeida.

Adulteração do leite

Duma correspondencia de Coimbra para um diario de Lisboa:

«Foram hoje julgadas no juizo criminal desta cidade as leiteiras ambulantes, Maria Lopes, de Trouxemil e Jesuina dos Santos, de Pedrulha, acusadas de venderem leite impróprio para o consumo. Foram condenadas em 1:000 escudos de multa e em 60\$00 de imposto de justiça.»

Em Coimbra faz-se isto. Aqui em Aveiro, apesar de em tempos termos noticiado casos de adulteração de leite, e ainda ultimamente a de tres mulheres que tambem adulteravam o leite e pagaram a multa — uma irrisoria multa — á Camara Municipal, não se levam ao tribunal a prestarem contas dos seus feitos.

Por isso elas reincidem sempre, fiadas na impunidade.

Desaparecido

Manuel Augusto de Andrade, estatura regular, cabelo e barba castanha, algumas sardas, bigode cortado, 21 anos, trajando fato de casimira azul e boné preto, desapareceu de casa de seu pae Manuel Andrade, de Sarrazola, Cacia, concelho de Aveiro.

Pede-se qualquer indicação do seu paradeiro, satisfazendo-se todas as despesas que para isso seja preciso fazer.

Caixa GERAL de Depositos

O movimento da Circunscrição de Aveiro da Caixa Economica Portuguesa no mez de abril findo, foi na sua totalidade de 2.805\$474\$90, sendo de 1.469.313\$13 de depositos e de 1.336.161\$77 de levantamentos, o que dá um saldo de 133.151\$36, que adicionado ao saldo existente em 31 de março, prefaz o saldo de 7.760.052\$40 esc.

O movimento do Serviço de Transferencias, foi de esc. 3.189.627\$94, sendo de esc. 1.906.579\$07 de requisições e de esc. 1.283.048\$87 de cheques pagos.

Madeira - VENDEM-SE 10 metros cubicos de boa madeira de soalho, de 12 palmos.

Dirigir-se a Manuel Rodrigues da Rocha, rua de S. Sebastião — Aveiro. (40)

No Club Mario Duarte

Uma festa de Arte

Foi revestida de um grande cunho de distincção e elegancia a matiné de arte que se realizou, domingo passado, neste club e que pela Direcção foi dedicada ás crianças filhas dos socios. O salão, adornado com flores fornecidas pela Camara Municipal e pelos distintos amadores srs. dr. Antonio Carlos Melo, Ricardo Campos e familia Tavares Lebre, da Quinta do Picado, encheu-se por completo, vendo-se lá as familias mais distintas da nossa primeira sociedade e algumas dezenas de crianças que, com as suas *toilettes* garridas e a alegria propria da sua idade, encheram a festa de encanto e de graça.

Iniciou-se a festa com numeros de dança para as creanças, executados pelo sexteto sobre a direcção do maestro sr. Fausto Neves.

Seguem-se numeros do concerto; pelo sexteto, as Czardas de Michels e as Danças de Brahm; o sr. Alvaro Lé cantou com a distincção de sempre uma aria da Aida e a serenata dos Palhaços, sendo muito aplaudido. Nesta primeira parte do programa executou a joven artista Mademoiselle Miranda dois trechos no violino: uma aria de Bach com acompanhamento de piano e uma fantasia da Lucia, de Saint Lubin, para violino só, cheia de difficuldade, das maiores difficuldades, vendidas com arte e ditas com a correcção que distingue a maneira de executar da Escola Leonard.

Toda a assistencia ouviu com admiração este segundo trecho, sendo a sua execução coroada de prolongados e sinceros aplausos.

Novos numeros de dança para as creanças, seguindo-se a segunda parte do programa.

Fez-se ouvir no violino Mademe Marques Pinto da Fonseca, pela primeira vez neste Club. Oriunda de artistas, professora distinctissima, foi com uma carinhosa saudação que começou a executar as *Scènes* do Ballet, de Bériot, em que conseguiu pôr em relevo as suas aptidões de artista consagrada e de mérito, arrancando á assistencia uma prolongada e quente ovação. Cantou com muito mimo e grande sentimento, nesta parte do programa, o sr. Alvaro Lé, o Spirito Gentil da Favorita.

Novos numeros de dansa, executando-se em seguida a terceira parte do programa em que as distinctos violinistas de novo se fizeram ouvir, tocando Mademoiselle Miranda o 2.^o fado de concerto, de Hierro e Madame Marques Pinto da Fonseca, os fados variados de Henrique Carneiro que foram ouvidos com muito agrado e premiadas as distinctas artistas com calorosas manifestações de apreço e de preito aos seus inegaveis merecimentos. Nesta parte cantou o sr. Alvaro Lé com muita arte e distincção o Arioso dos Palhaços.

Até ás 19 horas, dansou-se animadamente.

Ao piano, esteve o grande artista, sr. Fausto Neves.

O sexteto era constituído, além deste senhor pelos srs. Manuel Ferreira e Artur Casimiro, violinos, Alberto Casimiro, viola, Antonio Miranda, violoucello, e Marciano, rabecão.

O sr. Antero Machado recitou versos de Julio Dantas e Afonso Lopes Vieira, que foram muito apreciados.

Pela Direcção foi oferecido um chá aos executantes e suas familias e foram distribuidos bolos e bonbons a todas as crianças.

Foi uma verdadeira festa de arte, donde todos saíram sob a grata impressão de que este Club, sob o impulso da actual Direcção, se tornou pela elegancia e brilho das suas festas, o ponto de reunião da nossa primeira sociedade, recordando os antigos tempos em que a nossa terra, com o Grémio, pri-

A fonte da Vera-Cruz

Após o nosso reparo ao descuido ou desleixo a que se botou a fonte da Vera-Cruz, assim como todas as outras, e depois das referencias do *Campeão das Provincias*, lá se mandou *atamancar* aquela despresada fonte até que chegue a pedra propria para o seu melhor concerto.

PESCA

Tem sido enorme a entrada de sardinha e carapau que tem vindo de Lisboa, Olhão e Setubal abastecer o nosso mercado sem contudo o seu preço ter baixado.

Do rio tambem tem havido abundancia de peixe fresco que se vende carissimo.

O DEBATE atravez do districto

Verdemilho, 9

(Retardada)

Ontem recebeu-se aqui a dolorosa noticia do falecimento, no Rio de Janeiro, do sr. Manuel de Oliveira, de 19 anos, filho desta terra.

Ha 2 anos que havia saído para o Brazil em busca de fortuna, mas mal diria ele que só ali iria encontrar a morte numa edade em que tudo são rosas e illusões.

O falecido era primo dos nossos amigos srs. Manuel Duarte Maio, José e João das Neves.

A toda a familia enlutada enviamos os nossos sentidos peza-

C.

Oliveira do Bairro, 8

(Retardada)

Já ha muito tempo que não escreviamos para *O Debate*.

As questões com João do Caes dos cães ou do diabo, irritaram-nos de tal forma, a tal ponto que estavamos para cantar o *Memento* ao *Debate*, e dizer ao seu inelito director que o senhor de Niza devia fazer parta da redacção do *Flós Santorum*.

Não levem a mal, senhores do *Debate*, este desabafo porque não é ironico, nem quero que seja motivo para ralharem as comadres...

—Realizou-se nos dias 6 e 7 do corrente, na Povoá do Forno, freguezia do Troviscal, festa ri-ja em honra do destruidor das bilhas, Santo Antonio, mas sem proveito dos padres, que, este ano, não tiveram *mamêta*.

Sempre ouvimos dizer: — Festa sem padres passa, mas sem foguetes e musica nunca passou.

Na Povoá do Forno não faltou fogo nem musica, pois brilharam a bom brilhar as musicas do Troviscal desta Vila, não fazendo falta alguma os roupetas.

O Zé de Oliveira, mestre da filarmónica do Troviscal, dizemos ter feito prodigios a sua musica, chegando ao ponto de nem uma piscadela de *olho* deixar dar ao partilhado. Parecia um *excomungado*...

O Alfredo Rodrigues, D. Francisco de Sousa Coutinho, mestre da musica desta vila, chorou a bom chorar, a coisa corria bem, parecia Madalena arrependida...

—Uma visita, á ultima hora, senhora de grande cotação nas farmacias, fez-nos engaiolar, remava e era conhecida pelo cunho de distincção e fidalguia que caracterizava as suas reuniões.

Felicitemos sinceramente os socios do Club Mario Duarte por terem uma Direcção como a actual que tem sabido cumprir, collocando o nosso primeiro Club no seu devido lugar.

ter em casa, proibindo-nos com ares *Mussolinicos*, de irmos, no dia 6, tomar charope divino, essencia milagrosa, espargida na capela do Solar da Povoá do Forno, casa da reunião do *cabido* da Lei de Separação, pertencente ao Merdomo-mór, nosso amigo Santos Ferreira.

Isto vai mal, mas muito mal, pois com a pavorosa crise das subsistencias, não aceitar um jantar é um crime de lesa gastronomia. Já lá vão quatro, para mal dos nossos padecimentos.

Ficamos por aqui, para não maçarmos os leitores de *O Debate*, e até breve.

C.

CONCURSO

Manuel dos Santos Pato, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Oliveira do Bairro, etc.

Faço publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, sobre a segunda e ultima publicação deste anuncio no "*Diario do Governo*," para provimento do lugar de medico Municipal deste concelho, com o ordenado, melhoria de vencimento e mais proventos que pelas leis lhe competirem.

Os concorrentes apresentarão na Secretaria da Camara, dentro do referido praso, das onze ás desesseis horas, dos dias uteis, seus requerimentos devidamente instruidos com os documentos exigidos pelas leis reguladoras destes concursos.

Secretaria da Camara Municipal de Oliveira do Bairro, 4 de Maio de 1923.

O Presidente, (39)

Manuel dos Santss Pato.

Vende-se uma casa na rua das Barcas, com rez do chão e 1.^o andar; com duas frentes: uma para a rua das Barcas e outra para a rua de Santo Antonio. (37)

Dirigir-se a Alvaro Porfirio Ferreira, rua de Arrochela.

Predios VENDEM-SE dois. Um na rua do Vento, que era do falecido padre Jorge, e outro de Fernando Soares nas ruas do Vento e S. Roque.

Trata-se com Manuel Soares, rua de Santo Antonio, 17—Aveiro. (38)

Nova Fabrica de Louça e Azulejos DE João Bernardo Moreira

AVEIRO — ARADAS

Além do costumado sortido da industria, executa-se qualquer trabalho que o freguez desejar concernente á arte.

Enviam-se tabelas de preços a quem as desejar.

E' esta a primeira fabrica de faianças que se monta em Aradas pelo proprietario da mesma. (28)